

## O NEGRO NA LITERATURA INFANTIL: ESTEREÓTIPOS E SILENCIAMENTOS

<sup>1</sup>Adriana Matos de Almeida

<sup>2</sup>Joací Souza Mendes

<sup>3</sup>Patrícia Matos de Almeida

### RESUMO

A literatura constitui-se em um mecanismo importante de disseminação de ideologias. A ausência e/ou silenciamentos de referentes negros na literatura infantil produz um vazio de referenciais, o que resulta em profundas implicações para a formação identitária do infante, seu principal alvo. Meados da década de 80 e todo o período de 1990 foram profundamente afetados pelas conquistas legais de uma educação voltada para contemplar a diversidade cultural, assim como, pelo desdobramento de políticas para efetivar uma educação pelo viés da pluralidade cultural. Porém, mesmo com a recomendação do MEC, os livros infantis produzidos neste período, fonte primária e essencial de desenvolvimento da criatividade e, principalmente, da visão de mundo apresentada pela figura de um adulto, ainda apresentam textos e imagens que influenciam uma visão maniqueísta entre o mal e o bem; a pureza e a impureza; o branco e o negro; o feio e o bonito, restando ao negro as características negativas, sendo apontado como um grupo problemático, diferente, atrasado. Este artigo pretende analisar produções da literatura infantil das décadas de 80 e 90, acentuando as mais divulgadas nacionalmente, procurando identificar as marcas que estão na base dos discursos e imagens que compõem esta literatura.

**Palavras-chave: Literatura Infantil – Identidade - Preconceito Racial**

### ABSTRACT

The literature constitutes an important mechanism in the dissemination of ideologies. The absence and / or silencing of blacks in children's literature relating produces a vacuum of benchmarks, resulting in profound implications for identity formation of the infant, its main target. The mid-80s and throughout the period of 1990 were deeply affected by the legal achievements of an education geared to accommodate cultural diversity, as well as the deployment of policies to effect an education from the perspective of cultural plurality. But even with the recommendation of the MEC, children's books produced in this period, primary and essential source of creativity development, and especially the world view presented by the figure of an adult, still show text and images that influence a Manichean vision between good and evil, purity and impurity, white and black, the ugly and beautiful, leaving the black negative characteristics, being appointed as a problem group, different delayed. This article aims to analyze the production of children's literature of the 80s and 90s, highlighting the most publicized nationally, trying to identify the brands that are the basis of discourses and images that comprise this literature.

---

<sup>1</sup> Especialista em Metodologia do Trabalho, Pesquisa e Extensão em Educação (Uneb). Pós-graduanda em Psicopedagogia (Faceba), Estudante dos cursos de Formação Continuada: Gestar II -Língua Portuguesa (Secretaria de Educação do Estado da Bahia), Africanidades e Educação e Ensinando e Aprendendo com as TICs (Instituto Anísio Teixeira), Professora do Ensino Fundamental e Médio do Colégio Estadual Antonio Carlos Magalhães (município de Antonio Cardoso, Ba), Graduada em Licenciatura em Letras Vernáculas (UEFS).

<sup>2</sup> Professor da rede pública de ensino (município de Anguera/BA), Editor de Imagens (TV Subaé), Graduado em Letras Vernáculas (UEFS).

<sup>3</sup> Graduanda do curso Licenciatura em História (UEFS).

**Keys-word:** Children's Literature - Identity - Racial Prejudice

## INTRODUÇÃO

Qual o lugar da literatura infantil na vida da criança e que efeitos pode produzir sobre o pequeno receptor? Não se pode pensar em livros voltados para a infância não levando em consideração esses dois questionamentos suscitados pela doutora em Letras, Regina Zilberman (1987). Sendo assim, faz-se necessária uma reflexão acerca dos efeitos produzidos por tais textos – e, principalmente, suas ilustrações – no leitor e leitora mirins.

A criação e produção de livros infantis podem não somente reproduzir modelos de relacionamentos existentes na sociedade, como também propor outros. Por isso, tais obras constituem-se em importante instrumento na formação identitária do infante, por sua forma específica de comunicação, mediatizada pelo livro, lidando com o simbólico e com o imaginário.

Rosemberg (1984), a partir de pesquisa realizada em livros infanto-juvenis, detectou e denunciou a ocorrência do que ela denominou de “preconceito acintoso e revoltante”. Tal preconceito tem caminhado lado a lado de um discurso educativo, emulador de altos princípios éticos. A autora apresenta um típico caso em o preconceito racial é desenhado e visto a olho nu nas páginas dos livros infantis: o silenciamento de personagens negras.

Este silenciamento é evidenciado pelo fato de as figuras brancas, mais freqüentes nas histórias, receberem nome próprio, revestindo-se da condição de normal. Ela chama a atenção para uma questão que também foi verificada no decorrer das leituras de livros infantis produzidos na década de 1990, realizadas para a confecção deste artigo: tanto no texto como na ilustração, a freqüência de personagens brancas é acintosamente superior à das demais, assumindo, pois, desproporção fantástica.

No livro infantil, o leitor mirim – sabendo ou não decodificar letras, tendo acesso ao texto seja pela audição, seja pela leitura independente – tem a possibilidade de vislumbrar mundos bem diversos. Mundos, na maioria das vezes, tão diferentes da sua realidade e tão próximos ao mesmo tempo. Próximos porque representam quase sempre – ou sempre – o mundo de um adulto – o do escritor/autor – e este, por sua vez, desenha o mundo do qual faz parte. Distante porque são muitos os leitores que não se enxergam nesta realidade, uma vez que ela não foi escrita, desenhada de forma a direcionar-se para ele.

Desta forma, apresentando ao infante um mundo com um único lado, uma única versão, este leitor passará a não aceitar – ou a não acreditar - no que lhe cerca, isto é, um mundo em que predomina a pluralidade. Estará tão convencido da existência de uma sobreposição dita normal de um grupo sobre outro – neste caso, do branco sobre o não-branco - que acabará por tornar-se um leitor ou um adulto não questionador, não crítico, tolerante acerca da realidade pintada com as cores do preconceito que o cerca e o oprime.

Na seleção de informação e na escolha da forma de transmiti-la age um código de interpretação do mundo, o qual, quando não questionado – e qual é a criança que questionará o mundo pintado por um adulto? – impede a avaliação das informações recebidas e a discussão dos conceitos. Isso explica, portanto, o fato de a leitura de mundo do autor ser tão importante para a emancipação do leitor e da leitora.

## **1. LITERATURA INFANTIL: AINDA UMA LITERATURA PARA BRANCOS E BRANCAS?**

Apesar da diversidade cultural existente no Brasil, o país ainda não realizou sua multiculturalidade nos planos econômico, político e sócio-cultural, como afirma Coutinho (1992), professor da Universidade do Rio de Janeiro. Na educação, o retrato não é muito diferente. O plano de uma sociedade multicultural, a ser consolidada a partir da rejeição dos comportamentos etnocêntricos (ou racistas), infelizmente, parece ainda um tanto quanto distante de conseguir florescer, apesar do discurso pluralista e as propostas encontradas nos Parâmetros Curriculares Nacionais, que, já, na sua introdução, frisa ser a afirmação da diversidade traço fundamental na construção de uma identidade nacional.

O multiculturalismo postulado para o Brasil por Coutinho tem como ethos a democracia multicultural. É o que ele denomina de forma avançada da democracia, “pressuposto da democracia racial, a qual busca um maior equilíbrio de poder e riqueza entre etnias e culturas, aí incluindo o direito e o respeito à diversidade cultural dos grupos humanos em busca de cidadania” (1992, p.25). Mas é justamente esta diversidade cultural dos grupos que, infelizmente, ainda não se vê desenhada em muitas salas de aula das escolas brasileiras. A heterogeneidade de costumes, culturas e etnias parece se perder em meio a currículos homogêneos e livros ainda voltados para um único grupo: o branco.

Ao trabalhar o livro infantil na sala de aula, Zilberman (1987) chama a atenção para um aspecto muito importante que é o papel das imagens nestas obras. Como lembra a autora,

a criança que ainda não lê os símbolos gráficos – no caso, letras – constroem os seus textos a partir dos desenhos, das gravuras que recheiam as páginas destes livros. “Por isso, creio ser imprescindível o cuidado com estas para a formação do universo infantil”, salienta Zilberman (1987, p. 9), pois, a literatura infantil é um importante instrumento que tem servido à multiplicação da norma em vigor, ou seja, a de que existe um grupo dominante, um comportamento ideal, enfim, os livros infantis transmitem, via de regra, um ensinamento conforme a visão adulta de mundo. Sobre esta questão, Zilberman explica que

Levando em consideração que a obra literária pode reproduzir o mundo adulto, seja através de um narrador que bloqueia ou censura a ação de suas personagens infantis, seja através da veiculação de conceitos e padrões comportamentais que estejam em consonância com os valores sociais prediletos. (...) Assim sendo, os fatores estruturais de um texto de ficção - narrador, visão de mundo, linguagem – podem se converter no meio por intermédio do qual o adulto intervém na realidade imaginária usando-a para inculcar sua ideologia. (1987, p. 20)

Sendo assim, é importante voltar os olhos para o fato de a literatura se comunicar com o seu leitor e, no caso do infante, um leitor que absorverá, através das imagens a ele apresentadas, ou seja, da ficção, uma realidade para ele colocada como a real ou a ideal. Por isso, faz-se necessária uma atenção redobrada sobre a sociedade desenhada nas páginas dos livros infantis, pois, será esta a percebida como a normal, a ideal. É nela que este leitor e leitora passam a perceber-se ou a não encontrar-se, uma vez que será a ficção que irá lhe sugerir uma visão de mundo que ocupará “as lacunas resultantes de sua restrita experiência existencial, através de sua linguagem simbólica” (ZILBERMAN, 1987, p. 23).

## 2. A PESQUISA

Para fins de delimitação do universo pesquisado, dada a natureza do estudo, levou-se em conta, em primeiro lugar, a escolha intencional dos livros a serem pesquisados, a partir de dois critérios essenciais propostos por este estudo: os livros deveriam ser de autoria brasileira e produzidos na década de 1990. Isso demandou uma certa dificuldade no garimpo das obras, uma vez que a maioria dos livros encontrados durante o percurso datavam dos anos 80 ou simplesmente eram traduções de autores estrangeiros. Ficaram também de fora desta pesquisa as fábulas, pois não contemplavam o objetivo principal da pesquisa que era trabalhar os estereótipos e silenciamentos do negro na literatura infantil.

A pesquisa de campo foi realizada no primeiro semestre de 2009, com livros infantis escritos na década 1990 e que compõem o acervo da Biblioteca Central Julieta Carteado da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), local escolhido para a pesquisa do material pelo fácil acesso às obras e o número de exemplares disponíveis.

A UEFS contava na época com um total de 254 títulos de livros infanto-juvenis e 517 folhetos, totalizando um montante de 762 exemplares. Deste total, 199 obras são datadas da década de 1990, porém, muitos deles ficaram de fora justamente por se tratarem de traduções, fábulas, livros totalmente de cunho pedagógico voltados para as disciplinas Ciências ou História. Além disso, vale lembrar que esta pesquisa somente contemplou as obras infantis, descartando, pois, as juvenis.

Esta pesquisa procurou refletir, sinteticamente, algumas questões emanadas justamente da ausência (ou presença estereotipada) de personagens negros em livros voltados para crianças de 3 a 7 anos, idade indicada na maioria dos livros pesquisados. O que se verificou é que a relação entre esta problemática e a formação identitária de crianças de origem branca ou não-branca é muito estreita. Segundo Araújo, pensar em educação é pensar em um processo bastante complexo que leva o educando a compreender o mundo a partir dos sentimentos, idéias e valores. Ele diz mais, acrescentando que esses três elementos – sentimento, idéia e valor – são “singulares e compartilhados em seu cotidiano, constituintes de sua identidade base, e que, por conseguinte ou conjuntamente, os conduzem também a relacionar a cultura mais próxima com as mais distantes, travando diálogos de trocas” (ARAÚJO, 1996, p. 108).

A questão é que os livros pesquisados retratam justamente a ausência desta troca, deste rico diálogo entre culturas e povos, verificando-se, quase sempre, a cultura branca européia prevalecendo sobre as demais – no caso deste estudo, voltou-se o olhar para a cultura negra. No estudo realizado, consideramos a linguagem utilizada, mas mais ainda, o contexto em que suas personagens estão inseridas – os papéis ocupados por personagens brancas são, na sua maioria, de destaque, enquanto, para o negro, restam-lhe posições como personagens lendários, a exemplo do Saci, escravos ou simples coadjuvantes sem falas.

### **3. AS RELAÇÕES ÉTNICO-CULTURAIS DESENHADAS NOS LIVROS INFANTIS PESQUISADOS**

A análise dos textos e ilustrações da maioria dos livros pesquisados revela que entender e apreciar as diferentes culturas não foram o foco principal de muitos autores da

década de 1990. O que se verificou é que o grupo-alvo desta pesquisa, o negro, permaneceu silenciado em suas culturas e costumes nas páginas destas obras.

Ao se analisar o livro de poemas infantis *Lé com cré*, de José Paulo Paes (1993), a capa é o elemento que muito chama a atenção. Na ilustração de Alcy, que aparece não somente na capa, mas também no poema *Meu Automóvel*, é apresentado o que há de mais comum nos livros lidos: a maior frequência de figuras humanas de cor clara em detrimento das figuras de negros e negras. Das nove pessoas que compõem o cenário, somente duas são negras. Mas, vale salientar que, de uma delas somente os olhos aparecem e a outra encontra-se praticamente escondida atrás das demais crianças que se encontram em um automóvel voador. É importante lembrar que, tão importante quanto o texto escrito, as ilustrações encontram solução equivalente para atribuir relevo diferencial às personagens. Assim, a imagem das duas crianças negras em planos quase que imperceptíveis traduz a seguinte perspectiva: os principais elementos na frente. Os *outros*, quase que ausentes na sua presença ínfima.

O livro *Soprinho*, de Fernanda Lopes de Almeida (1992), conta uma história distribuída em 139 páginas, cujas personagens centrais, quatro crianças e o próprio Soprinho, aparecem nas ilustrações como sendo brancas. Terezinha, Roberto e os primos Helena e Luisinho estampam as páginas com seus cabelos loiros ou ruivos, ao lado de uma vovó também branca.

No capítulo *A Porta Encantada*, fadas aparecem em cena. A autora as descreve de maneira singela e romântica. O retrato desta singeleza, tanto no texto quanto nas ilustrações, não muda a perspectiva de que o belo, o leve e o bem são pintados com cores claras. Almeida assim descreve as fadinhas: “Os meninos fecharam os olhos de tanta emoção. Quando os abriram, viram do outro lado um bando de lindas moças, com vestidos feitos de pétalas amarelas, dançando embaixo de umas árvores cobertas de flores amarelas.” (ALMEIDA, 1992, p. 11).

Não é muito difícil inferir qual seja a cor das fadinhas descritas pela autora. Elas aparecem nas páginas como brancas e de cabelos loiros. Infelizmente, a cada imagem deste livro, vai ficando mais latente a negação do direito do leitor não-branco enxergar-se neste tipo de literatura, como se a branquitude fosse apresentada como a condição do ser normal e neutra da humanidade e os não-brancos constituintes de uma exceção.

Não bastasse a ausência de personagens não-negros no texto, a autora ainda se utiliza da nomenclatura “negra” para denominar um dos vilões da história. Almeida (1992) conta que

no bosque onde as quatro crianças passeavam existia um gigante chamado Surumbamba. Ele era o rei do mau tempo. O problema é que para acabar com o gigante, antes, era preciso achar uma bruxa que vivia numa caverna localizada no pântano. A bruxa chamava-se Asa Negra e sua personagem era hostilizada pelas crianças por representar o mal. Em contrapartida, uma fadinha chamada Fiapo de Gente, rainha do Reino das Pequenas Coisas era admirada pelas demais personagens. Ela aparece no capítulo Novos Amigos no Reino Maravilhoso assim descrita pela autora: “Tinhas cabelinhos cor de ouro e asas de borboleta. E que amor a carinha dela” (1992, p. 23). A todo momento, a fadinha é tratada como uma “adorável criatura”.

Em a Caça ao Tesouro – uma viagem ecológica (IACOCCA, 1990), o protagonista Alexandre é um garoto branco que passa toda a história em busca de um tesouro, levantando questões acerca do desmatamento de florestas e rios poluídos. A proposta do livro é bastante louvável, porém, nenhum dos personagens convidados por Alexandre para ajudá-lo nesta empreitada é da raça negra, de acordo com as ilustrações. Desde o professor Procópio, um senhor de idade, até seus amigos Paulinho, Juliana e Dudu, além das pessoas encontradas no decorrer da viagem – trabalhadores do campo, caçador, uma multidão de pessoas no centro de uma cidade -, todas elas são de cor branca e de cabelos lisos.

Outros exemplos de casos como este estão nitidamente estampados nas páginas do livro de poesia A festa das letras, de Cecília Meireles e Josué de Castro (1996). O livro fala da importância dos bons hábitos alimentares através de textos em versos. Cada letra do alfabeto serve de inspiração aos autores para a criação de uma poesia. O livro tem um cunho didático, mas não deixa de inspirar uma leitura interessante e lúdica. Principalmente, pelo fato de os textos serem ilustrados, o que dar um ar de diversão ao ato da leitura. O que se questiona é justamente a desproporcionalidade entre os desenhos das figuras humanas, no que diz respeito à etnia: das 139 figuras humanas que ilustram os poemas, somente uma apresenta uma mulher negra. É importante ressaltar ainda que a capa do livro também só apresenta imagens de pessoas brancas.

Nesta mesma situação, estão os livros Travatrovas (CICA, 1993), cujas ilustrações de Ziraldo somente trazem meninos, meninas e velhos de cor branca, e a obra de Ana Maria Machado, O menino Pedro e seu boi voador (1993), que trazem uma interessante proposta de trabalhar a imaginação e criatividade das crianças, mas que, infelizmente, também não apresentam imagens de personagens negros. Em O espelho da Princesa, de Sonia Junqueira (1994), as ilustrações também deixam denotar uma proposta de manutenção dos privilégios de uma etnia, a partir do momento em que a protagonista, uma “bela e rica” princesa, é



apresentada como uma loira que irá se casar com um rapaz pobre e branco. Além disso, seus súditos e vendedores também o são.

Livros escritos exclusivamente para um fim, ou seja, de cunho moral, também estão inseridos nesta lista que prima pela eleição de personagens brancos como o ideal de famílias e relações escolares ou de trabalho. Os dados colhidos do livro *O que fazer? Falando de Convivência*, de Iacocca (1995), mostram que a presença do personagem negro – pelo menos é o que ficou nítido com as imagens – serve somente para ilustrar casos específicos, em que a presença do negro seria indispensável.

O livro fala de comportamentos humanos. Dividido em quadrinhos, ele vai apresentando, ao longo de suas páginas, situações-problema – a exemplo de traições, falta de educação no trânsito e em outros ambientes, divórcio de pais etc - e suas respectivas respostas. São situações que exigem uma postura, uma atitude. No caso do personagem apresentado como negro, aparece em um dos quadrinhos que trata de um tema específico: o preconceito racial. A questão feita é justamente esta: “se você fosse negro e descobrisse que a maioria dos seus colegas é racista?” (1995, p. 6).

Apesar do questionamento levantar uma importante discussão, o restante do livro demonstra uma outra atitude a partir das suas ilustrações, pois, com exceção deste quadrinho e de mais quatro crianças que aparecem em meio a uma infinidade de outros personagens, todos os demais quadrinhos e situações são ilustrados com personagens brancos. Isso demonstra que as autoras – as mesmas, inclusive da história de Alexandre, Caça ao tesouro – uma viagem ecológica, em que somente personagens brancos aparecem e que o único negro é um saci totalmente estereotipado, malvado – até então não estavam imbuídas do desejo de fazer uma literatura para todos, preocupando-se, basicamente, com um público-alvo ideal: o branco.

Os reflexos desse modelo de literatura infantil, indubitavelmente, aparecem no próprio relacionamento e diálogos entre as crianças que têm acesso a estas obras. Este tipo de literatura acaba por apresentar, como disse Rosenberg (1985), uma contradição em seus objetivos. O que deveria, pedagogicamente falando, educar, passa a ser um rico meio “deseducativo”. A preocupação com a pluralidade individual e cultural como meio de enfrentamento da homogeneização, de afirmação do mesmo e negação da diferença, parece custar em aparecer como alimentadora de textos e ilustrações feitas por adultos para crianças, remetendo então a uma relação de dominação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS



Levando em consideração que a construção do mundo infantil também passa pelo que a criança acredita ser a única verdade existente ao seu redor, aquela apresentada pela autoridade de um adulto (pais, professores etc), o que se percebe é que este mundo desenhado nos livros escritos por este adulto e direcionado para ela é um mundo onde a exclusão ético-racial negra é uma realidade. Nos livros pesquisados, a maioria das situações relatadas são retratadas por um esteriótipo ideal branco, em especial, entre os protagonistas, revelando então que a sociedade plural e igualitária ainda é uma realidade distante entre os grupos.

As imbricações entre a garantia do direito à diversidade étnico-racial, direito ao respeito mútuo, à educação e ao trabalho por parte dos homens e mulheres negras são nervuras que costuram o delicado tecido historicamente marcado pela desigualdade e pelas profundas disparidades étnico-raciais. O mais grave é perceber que, mesmo em meio a toda esta discussão promovida ao longo da década de 1990, tais disparidades foram naturalizadas por força - ou reforço - da criação da imagem inferiorizada do outro.

A literatura infantil, em especial aquela voltada para crianças de 3 a 6 anos de idade, que lêem através de outros códigos que não a escrita, precisa ser vista como um rico instrumento não apenas para trabalhar a imaginação e criatividade infantis, mas também como meios pelos quais a formação identitária faz-se possível. Por isso, textos e imagens acabam por tornar-se excelentes mecanismos de superação de disparidades sociais, mas também de preconceitos e discriminações, proporcionando, então, uma verdadeira convivência pluralista.

A literatura infantil produzida na década de 1990 no Brasil, entretanto, principalmente na sua primeira metade, parece reproduzir um passado impregnado de imagens estereotipadas e relações entre grupos raciais diversos em histórias que sempre priorizam a dicotomia bem e mal, feio e bonito etc, restando ao negro sempre as características negativas. A partir de tais leituras, percebendo a hegemonia branca nas páginas dos livros voltados para crianças, fica evidente a preeminência do passado sobre o presente.

Mas, como salienta Ianni (1988, p. 150), este passado aparece como “algo que precisa ser exorcizado, para que o presente possa desenvolver-se e liberar-se”, e as histórias para crianças sejam finalmente libertadas das perspectivas únicas e exclusivas do autor branco ou de cultura branca, o qual, consciente ou inconscientemente, insiste em reproduzir uma sociedade onde os lugares ocupados pelo negro ou é o de escravo, ou o de empregado doméstico, ou filho deste, ou ainda o de figuras lendárias ou míticas, como o Saci de Monteiro Lobato etc.

Os livros infantis, pois, não podem ter seu eixo e preocupação numa sociedade desenhada a partir de um único ponto de vista: a do branco. Seus autores e ilustradores precisam estar atentos para a estrutura social que os cerca e as relações de poder existentes no contexto histórico em que vivem. Caso contrário, continuarão servindo como armas reprodutoras da intolerância e desvalorização das culturas que não contemplam nem formas e nem cores eurocêtricas.

### REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Fernanda Lopes de. *Soprinho*. Ilustrações – Helena Alexandrino. Editora Ática S.A., São Paulo, 1992.

ARAÚJO, Miguel Almir L. Educação e Identidade Cultural. In: *Revista da FAEEBA*, Salvador, nº 6, jul/dez 1996.

CICA. *Travatrovas*. Ilustrações de Ziraldo. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1993.

COUTINHO, Jose Maria. Por uma educação multicultural: uma alternativa de cidadania para o século XXI. In: *Revista Faeeba / Universidade do Estado da Bahia, Faculdade de Educação do Estado da Bahia – Ano 1, nº 1 (jan / jun, 1992) SSA:UNEB, 1992.*

IANNI, Octavio. *Escravidão e racismo*. 2ª edição. Editora Hucitec, São Paulo, 1988.

IACOCCA, Liliana, e IACOCCA, Michele. *Caça ao Tesouro – uma viagem ecológica*. 5ª edição, Ática S. A. São Paulo, 1990.

IACOCCA, Liliana, e IACOCCA, Michele. *O que fazer? Falando de Convivência*. 4ª edição, Ática – São Paulo, 1995.

JUNQUEIRA , Sonia. *O espelho da Princesa*. Ilustrações – Paulo Tenente. São Paulo – Atual, 1994, Coleção Baú de Histórias.

MACHADO, Ana Maria. *O menino Pedro e seu boi voador*. Ilustrações: Ivan Zigg. Editora Ática S. A., São Paulo, 1993.

MEIRELES, Cecília, e CASTRO, Josué de. *A festa das letras*. Desenhos: João Fahrion – Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1996.

PAES, José Paulo. *Lé com cré – Poemas de José Paulo Paes; ilustrações : Alcy*, Editora Ática S.A. – São Paulo, 1993

ROSEMBERG, Fúlvia. *Literatura Infantil e ideologia*. São Paulo : Globo, 1984

ZILBERMAN, Regina. e MAGALHAES, Ligia Cademartori. *Literatura Infantil: autoritarismo e emancipação*. 3ª edição. Ed. Ática, São Paulo, 1987.

ZILBERMAN, Regina. *A Literatura Infantil na Escola*. Global editora, 7ª edição, São Paulo, 1987.